

Anticomunismo - Arma da Reação Contra as Forças Democráticas

Art. de MARCO ANTONIO COELHO na 3ª página

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 24 a 30 de novembro de 1961 N.º 146

A Propósito do I Congresso de Trabalhadores Agrícolas

Art. de GIOCONDO DIAS na 4ª página



REFORMA TRIBUTÁRIA DE TANCREDO: ASSALTO À BÔLSA DO POVO E BILHÕES PARA OS TRUSTES

TEXTO NA 3ª PAG.

Registro do PCB: Sede na Orla e Mesinha em SP

EM TODO o país, intensifica-se a campanha pela coleta de assinaturas para o pedido de registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro. No Rio, no último dia 13, perante grande assistência de trabalhadores marítimos, portuários, estivadores, operários navais, etc., instalou-se a Comissão da Orla Marítima Pró-Registro do Partido Comunista Brasileiro. A comissão é composta pelos srs. Sebastião Luiz dos Santos, Joaquim José do Lago e Antônio da Costa Silva. Instalou-se ao mesmo tempo a sede da Comissão (foto) na Rua Camargo, n.º 36. A campanha na Orla Marítima foi iniciada com o lançamento de um manifesto assinado por numerosos líderes sindicais, entre os quais os srs. Pedro Torres, Waldir Gomes dos Santos, Antônio Pereira Neto, Álvaro da Costa Ventura Filho, Firmino Fernandes, Manoel Inácio da Silveira, Ademar Latriilha de Santana, Joaquim Teles Pereira, Vicente Sotero Mateus, Edgard Vasconcelos Louro, Waldemar de Souza e outros.

EM SAO Paulo, onde a campanha se desenvolve com enorme êxito, a mais recente experiência foi a instalação de uma barraca (foto) em pleno Largo São José do Belém, onde trabalhadores e estudantes, numa mesinha, vêm coletando grande número de assinaturas.

DE VÁRIOS outros pontos do país, chegam notícias do desenvolvimento vitorioso da campanha.

Reforma Agrária na Lei ou na Marra



Estivadores: Aumento de 45% e Aposentadoria Aos 25 Anos

Texto na 2ª pág.

A SESSÃO de encerramento dos trabalhos do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas foi também o momento culminante do entusiasmo da massa camponesa. Durante três dias, 1.600 representantes dos homens do campo de todo o Brasil haviam discutido seus problemas, trocado opiniões, traçando caminhos para acabar de uma vez por todas com a ignomínia de um regime latifundiário semifeudal que empobreceu o país. E chegaram a uma solução de unidade: a luta por uma reforma agrária radical, com a destruição do latifúndio. A poderosa demonstração de força da massa camponesa atraiu ao Congresso os mais categorizados representantes do próprio Governo. A foto acima foi tomada quando chegava a sala das sessões do Congresso o presidente da República, sr. João Goulart. Na 2ª pág., completa reportagem de nosso enviado especial Rui Faced.

A JUVENTUDE POR TRÁS DAS JAULAS ETERNA DE MENORES A GRANDE DE PICASSO INDÚSTRIA DO INTERNAMENTO

Art. de Georges Tabaraud na 5ª pág.

Reportagem de Iberê de Barros na 6ª pág.

O Projeto e o Gabinete

ORLANDO BOMFIM JR.

O PROGRAMA de governo apresentado pelo Conselho de Ministros ao Parlamento foi analisado por NOVOS RUMOS no momento oportuno. Denunciamos então sua origem espúria: tinha sido elaborado pela Consultec dos srs. Lucas Lopes, Roberto Campos & Cia. Destacamos seu conteúdo reacionário e entreguista. Não se orientava para o caminho da solução dos nossos problemas de acordo com os interesses nacionais. Ao contrário, insistia em prosseguir, sob a tutela do FMI, pelos atalhos da submissão aos interesses espoliativos dos monopólios norte-americanos.

APÓS a apresentação do Programa, ficou o governo de certo modo de braços cruzados. Só abria a boca. Tanto o sr. João Goulart como o sr. Tancredo Neves entregaram-se a uma espécie de torneio oratório. Fizeram discursos em lódas as partes e por todos os motivos. E chegaram a dizer coisas acertadas. Repetiram, por exemplo, na necessidade urgente de reformas de base. A situação — insustentável para as grandes massas trabalhadoras — não suportava delongas nem medias medidas. Era necessário um remédio imediato e drástico.

EIS QUE o presidente do Conselho de Ministros envia agora sua primeira Mensagem ao Parlamento. E que pede? A aprovação de alguma das indispensáveis reformas de base? Nada disso. Pede a aprovação de uma reforma tributária. E a reforma que deseja (leiam a análise que noutro local fazemos dos principais aspectos do projeto) é no sentido de conceder escandalosos favores às empresas imperialistas e realizar verdadeiro assalto à bolsa do povo. Trama-se, assim, duplo crime. E ao atentado, urdido às escondidas no Ministério do sr. Moreira Sales com a assessoria dos entreguistas da Consultec, procura-se dar na Câmara andamento ultrarrápido, uma "urgência urgentíssima" excepcional. É a pressa dos que querem consumir rapidamente o crime com receio de serem impedidos pela reação dos prejudicados.

O PROJETO de reforma tributária representa um desafio ao povo. As condições de vida já se tornaram intoleráveis. A voragem da elevação dos preços devora o poder aquisitivo dos salários e vencimentos. As privações aumentam. Fortalece-se a convicção de que paliativos, mesmo quando necessários, não resolvem. O presidente da República é o primeiro a fazer pregação nesse sentido. O presidente do Conselho de Ministros, no entanto, apresenta como solução uma reforma tributária que acentua a exploração pelos monopólios e eleva assustadoramente os impostos, o que significa maiores privações. Achará o governo que a paciência do povo é inesgotável?

O PROJETO de reforma tributária também representa dúvida quanto à sua composição predominantemente antipopular. Foi o instrumento de que se serviram os conciliadores e reacionários para pôr fim, pelo compromisso da emenda parlamentarista, à crise política de Agosto. Agora, quando os problemas se tornaram mais agudos e mais exigente a luta pela sua solução, o projeto de reforma tributária constitui um teste. Ao votar, o Parlamento também poderá definir-se.

QUANTO ao Conselho de Ministros, o projeto já o define. Ou melhor: confirma sua definição anterior. Ele faz promessas ao povo e serve ao latifúndio e ao imperialismo. Heterogêneo, com ministros ligados ao povo, tem em postos-chave conhecidos agentes dos monopólios norte-americanos, como o sr. Moreira Sales. Hoje, com maiores razões do que antes, os patriotas e democratas encontram motivos para redobrar esforços no sentido da substituição desse Gabinete por outro que seja realmente capaz de realizar reformas de base. E a essa luta se liga a mobilização imediata de forças. A realização de imediatas manifestações, por todos os meios e formas, contra a aprovação do projeto de reforma tributária. Derrotar o projeto criminoso e substituir o Gabinete entreguista — esse o objetivo a atingir.

A Propósito do I Congresso Dos Lavradores

Giocondo Dias

A realização do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas e suas resoluções demonstram na prática que a luta das massas populares pelos seus interesses específicos e os interesses gerais da Nação atua como força impulsionadora do desenvolvimento social e econômico.

Agora os trabalhadores agrícolas e os camponeses, procedendo como a classe operária e demais trabalhadores das cidades, quando da realização de seus encontros e congressos, apresentam também soluções para os problemas econômicos, políticos e sociais, colocam de modo concreto e viável a solução do problema da terra no momento atual, em contraposição unicamente aos interesses da minoria de latifundiários reacionários e das soluções hipocritas contidas nos diversos projetos e supostas medidas de reforma agrária até agora encaminhadas ao Parlamento ou postas em prática.

A realização do Congresso Nacional dos Lavradores é um passo importante para a aglutinação de todas aquelas forças que lutam por uma solução para o problema da terra no Brasil e na organização das grandes massas que vivem no cam-

po. Podemos dizer que o início de uma nova fase, em nível mais elevado, das lutas de todo o povo brasileiro pela reforma agrária radical, especialmente dos camponeses que, de modo organizado, propõem as forças interessadas no progresso da Nação e ao Parlamento Nacional a solução capaz de melhorar as condições de vida das massas populares e impulsionar o progresso do país.

O Congresso Nacional dos Lavradores mostrou as perspectivas reais para a conquista das reivindicações e indicou o caminho mais viável para a conquista de uma reforma agrária radical. Uns aspectos principais desse acontecimento e que deve ser levado em conta, e que nos dias atuais a ação das massas organizadas já atua como força ponderável no impulsionamento e ordenação do processo político, social e econômico.

Inúmeros são os políticos, industriais, comerciantes, padres e bispos que falam e as vezes pregam a reforma agrária, a revisão agrária, etc. Na sua maioria, apresentam soluções que visam adiar a verdadeira solução, que é a liquidação da propriedade da terra e a latifundiária. Outros, como o presidente da República, afirmam publicamente, quando do seu discurso no encerramento do Congresso Nacional dos Lavradores, "... que a Reforma Agrária é uma das reformas que o país reclama, para dar plena expansão às suas forças produtivas."

Não sabemos se estas palavras têm sentido de apelo às "chamadas elites econômicas", como diz o "Correio da Manhã", ou de advertência a respeito da impossibilidade que se apresenta as referidas elites e ao seu governo de continuar a sustentarem a força, pelas manobras ou pelo engodo, uma situação que prejudica a maioria esmagadora da Nação e cujo benefício, principalmente, o que há de mais atrasado e retrogrado em nosso país.

Seja qual for, porém, o sentido das palavras das elites indicam que os tempos são outros, que vivemos e lutamos num momento em que as massas populares estão deixando a posição de pas-

sividade e expectativa, e começam a compreender que já possuem força e condições para influenciar na solução das questões de seu interesse específico mas, também, daqueles problemas que aparentemente só afetam os interesses das "elites econômicas".

As massas do campo começam a sentir a necessidade de se unirem e organizarem, e o Congresso Nacional dos Lavradores é um exemplo fraterno desse sentimento. Com isso se amplia a base de massa da frente única de libertação nacional. O Congresso e as suas resoluções comprovam, na prática, as grandes possibilidades que existem para uma ação unida e organizada das forças patrióticas e democráticas. Foi erguida com mais vigor pelos representantes das massas populares, principalmente dos camponeses, a bandeira de luta pela reforma agrária radical. Foram propostas medidas práticas e concretas, a solução para o problema da terra — solução capaz de incrementar o progresso do Brasil e resolver os problemas mais urgentes e imediatos da grande maioria da população, principalmente das grandes massas que vivem no campo. De modo organizado, foi apontado o caminho constitucional, o da reforma da Constituição num sentido democrático, objetivando, fundamentalmente, a eliminação dos dispositivos que dificultam a solução do problema da terra, além de outros problemas básicos, de acordo com os interesses da maioria da Nação.

A bandeira da luta foi desfraldada de modo mais enérgico e decidido, medidas concretas foram sugeridas, caminhos foram apontados. Homens e mulheres de todos os recantos de nossa terra, intelectuais, operários e camponeses, reunidos em seu grandioso Congresso, propuseram aos senhores deputados e senadores — que em pronunciamentos, discursos e entrevistas falam na necessidade da Reforma Agrária e outras medidas de caráter progressista — a passarem a ação, e já que "a face e o quejo estão em suas mãos", reformem a Constituição, não se obstinem em ficar contra os interesses nacionais, pois essa atitude

levará as massas populares a realizarem por outros meios ao seu alcance a reforma agrária radical e as outras medidas necessárias para o progresso do país, apesar dos senhores parlamentares e sem a sua cooperação.

Quantos a nós, comunistas, cabe-nos a tarefa de ajudar a dar forma e direção ao movimento das massas populares, atenuando sempre a realidade, evitando que o subjetivismo domine o nosso pensamento e ação, tudo fazendo para transformar em realidade, sem esquematismo, as possibilidades que tem as forças do progresso, quando unidas e organizadas de realizar modificações no terreno político, social e econômico.

Devemos compreender, no entanto, as referidas modificações como elementos do processo de acumulação de forças, como um passo para mudanças na correlação das forças em presença,

objetivando sempre fazer com que as massas influenciem, pela pressão de suas lutas, nas decisões dos poderes constituídos e como um dos meios prováveis para sua participação no Poder, o qual não deve continuar por mais tempo como monopólio de uma minoria de privilegiados, que se tem no sistema de lucração e tudo tem feito para defender uma política contrária ao bem-estar do povo e ao progresso do país.

Tanto o Executivo como o Legislativo, em sua esmagadora maioria, desatualizados e superados, tem uma preocupação e é a terra na hora presente, que ganhar tempo, para converter o que está, fazer em reforma agrária, em regulamentar as remessas dos lucros para o exterior e, na prática, aplicar a política financeira do Fundo Monetário Internacional e procurar aprovar de surpresa e a "toque de caixa", aceleradamente, medidas contra

o povo. E o que tenta fazer, neste momento, o atual Conselho de Ministros, querendo impor, a título de "reforma tributária" o mais brutal aumento de impostos já levado a prática em nossa terra, desarrastando mais uma vez nas costas do povo o peso das dificuldades originadas pela exploração imperialista e a sobrevivência dos restos feudais, principalmente da propriedade latifundiária, e agravadas por uma política que na essência serve aos seus interesses.

Os comunistas, como vanguarda dos trabalhadores, como força essencialmente unitária, tudo farão para que as massas populares não sejam derrotadas pelo caminho mais doloroso. Estamos certos de que as massas tem a possibilidade de impor essa alternativa, se intensificarmos a mobilização das forças populares e progressistas, se não medirmos esforços para unirmos no combate organizado a política de compromissos do atual governo com o imperialismo e a reação e para a conquista de um governo representativo das forças nacionalistas e democráticas, para que pressionem o Parlamento Nacional e utilizem todas as formas de lutas de massas. Nesta luta os comunistas procurarão sempre, com o objetivo de esclarecer e unir as forças do progresso, principalmente as massas populares, por a descoberto as contradições da sociedade brasileira, explicar a sua essência e propor e apoiar soluções como a que agora acaba de apresentar o I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

Temos confiança no êxito da luta em que sempre estivermos empenhados, juntamente com as outras forças, da frente única de libertação nacional. Sabemos que as possibilidades são imensas. Mas estamos convencidos de que as massas se vencerão na medida em que compreendermos que soluções como a reforma agrária radical e outras necessárias à completa emancipação nacional, como a própria reforma da Constituição, não se tornarão realidade por si próprias, pois de p e n e m fundamentalmente dos esforços de milhões de pessoas, da força das suas lutas e da aplicação acertada de nossa linha política.

Teoria e Prática
Apelônio de Carvalho
As teorias burguesas sobre a luta de classes

Os ideólogos burgueses afirmam que as classes médias crescem em volume e sua significação econômica e social; que o proletariado e a burguesia reduzem seus efetivos e tendem a nivelar-se, entre as camadas médias; e que assim, os antagonismos de classe tendem, por sua vez, a desaparecer.

A vida desmente, intrinsecamente, essas teorias. Marx e Engels definiram as classes médias de forma precisa, em função dos dois polos da sociedade capitalista: o proletariado de transição, colocado entre o proletariado e a burguesia, — mas que não vivem de salários e possuem certos meios de produção. Os intelectuais burgueses dão às classes médias uma essência arbitrária, elástica e heterogênea. E incluem ali empregados e funcionários, o conjunto dos técnicos e especialistas, os trabalhadores de escritórios, os intelectuais assalariados e privados de meios de produção.

Sem dúvida, o crescimento das classes médias e inevitável, como decorrência da própria desenvolvimento na produção: novos apêndices das empresas e novas exigências da indústria, a multiplicação das sociedades por ações e da esfera dos serviços, a militarização da economia, etc. Entretanto, a realidade nos mostra — simultaneamente e em medida consideravelmente maior — a instabilidade e a desorganização acelerada desses setores intermediários. E assim que, na Inglaterra, os artesãos constituem apenas 5% da população ativa. Nos Estados Unidos, seu peso específico, no conjunto da população trabalhadora, reduziu-se de 14% em 1870 para 6% em 1957. Na Suécia, na República Federal Alemã (R. F. A.), sua parte no conjunto das empresas produtoras não vai além de 10%. Seu papel econômico é ainda infinitamente menor, pois cada vez mais estão subordinados ao grande capital. O mesmo pode-se dizer do pequeno comércio, de mãos atadas às grandes empresas, e da pequena produção rural: na R. F. A., 200.000 economias camponesas arquivaram-se, entre 1949 e 1958; na França, entre 1947 e 1952, 800.000 hectares de terras passaram dos pequenos para os grandes proprietários.

Do mesmo tempo, cresce, continuamente, o volume e o peso específico da classe operária. Nos Estados Unidos, ela passou de 72% da população ativa, em 1940, a 80%, em 1958. Na Inglaterra, os assalariados constituem 90%. Os que vivem de salários são 80% da população trabalhadora, na Austrália e no Canadá; 77,7% na Suécia; mais de 70% na República Federal Alemã, na Argentina e no Chile; 64% na França, 56% na Itália, mais de 50% no México e no Brasil. O número de assalariados da indústria, dos transportes e das comunicações passou, de 1937 a 1955, de 7,5 a 11 milhões, na R. F. A., de 5,5 a 6 milhões, na França; de 16 a 24 milhões, nos Estados Unidos. No Brasil, os operários industriais eram, em 1920, apenas 275.000. Hoje, abrangem 3 milhões, nos centros urbanos, além de 4,5 milhões de assalariados rurais. Por outro lado, a grande massa da intelectualidade — e constituída de assalariados: é o caso de 84% dos trabalhadores intelectuais, nos Estados Unidos, de 85% na Inglaterra, de mais de 90% no Brasil. O papel dos técnicos, no processo produtivo, aumentou, sem dúvida. São, porém, em sua imensa maioria, assalariados explorados, cujos interesses coincidem, objetivamente, com os interesses do proletariado das empresas. O mesmo pode-se afirmar do crescimento do funcionalismo — ressalvado seu caráter parasitário, que cresce também com a inclinação do aparelho de Estado: com o clero e a polícia, nos aparelhos de espionagem e guerra fria, com a militarização da economia nacional, etc. Finalmente, a propriedade capitalista — e, com ela, a burguesia, como classe — não desaparece, mas concentra seus meios e seu poder sobre a economia e sobre o Estado. Nos Estados Unidos, 1% da população é dona de 60% da riqueza nacional, enquanto 87% da população não tem sequer 8% daquelas riquezas. No Brasil, já há 10 anos atrás, 5% da população abocanhavam 55% da renda nacional.

Como se vê, o "nívelamento social" é, cada vez mais, um mito. E o sistema capitalista continua a caracterizar-se, mais que nunca, por suas contradições insolúveis, nacionais e de classes, pelo contraste e a distância crescente entre os seus dois polos — o da riqueza e o da miséria e pelo caráter inevitável das revoluções socialistas e nacionais.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mario Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe: Fragmon Borges
Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco 257, 11º andar, N.º 1712 — Tel: 52-7344
Gêneral: Av. Rio Branco 257, 9º andar, S.º 795
SUCURSAL DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 258, Tel. 35-6483
Serviço telegráfico: "NOVOSRUMOS"
ASSINATURAS: anual Cr\$ 500,00; mensal Cr\$ 250,00; trimestral Cr\$ 170,00; número avulso Cr\$ 10,00; número atrasado Cr\$ 16,00
ASSINATURA AFILIADA: anual Cr\$ 1.000,00; mensal Cr\$ 100,00; trimestral Cr\$ 300,00; número Cr\$ 50,00

LÍCIO HAUER: EUA FAZEM DA ALEMANHA UM FOCO DE GUERRA NA EUROPA

BRASILIA (do Correspondente) — O deputado Lício Hauer (PTB da Guanabara) pronunciou um importante discurso sobre a situação internacional, advertindo o Parlamento do Congresso e o povo brasileiro para a necessidade de intensificar o seu esforço em defesa da paz mundial.

Hauer se iniciou no debate sobre a situação internacional, pela União Soviética, particularmente a bomba de 50 megatons, esclarecendo que, embora tendo sido lançada, esse fato, a União Soviética obrigou a voltar o mundo a pensar em termos de paz e não de guerra.

Hauer se iniciou no debate sobre a situação internacional, pela União Soviética, particularmente a bomba de 50 megatons, esclarecendo que, embora tendo sido lançada, esse fato, a União Soviética obrigou a voltar o mundo a pensar em termos de paz e não de guerra.

Fim do Romance de Gagárin

Com o capítulo de hoje, concluiu-se a publicação da autobiografia do primeiro cosmonauta do mundo, o soviético Iuri Gagárin, iniciada em NR n.º 120, de junho de 1961. O relato profundamente humano da vida e do feito heróico do pioneiro desbravador do Cosmos despertou grande interesse entre os leitores de NR. Aos que colecionaram o romance de Gagárin avisamos que, caso lhes falte algum exemplar de nosso jornal, pode procurá-lo em nossa administração. Av. Rio Branco, 257, 9º andar, sala 905.

ROMANÇO

Iuri Gagárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

179

As 10 horas e 55 minutos o "Vostok", depois de ler circundado o globo terrestre, aterrissou com êxito na zona prevista, na área cultivada do colégio "Lámbino de Lênin", a sudoeste da cidade de Engels, próximo à aldeia de Smiclovk. E aconteceu como nos bons romances: meu regresso do Cosmos ocorreu no mesmo lugar onde nos primeiros anos de minha vida voei num avião. Quanto tempo transcorrerá desde então? Apenas seis anos. Mas, como as crianças tinham mudado! Hoje, eu havia voado duzentas vezes mais rápido e duzentas vezes mais alto. Duzentas vezes haviam crescido as asas soviéticas.

Ao pisar em terra firme, avistei uma mulher e uma menina, junto a um bezerro malhado, que me olhavam curiosas. Andei em direção a elas. Elas vinham ao meu encontro. Mas, quanto mais próximo se achavam, seus passos se tornavam mais vagarosos. Eu ainda envergava o meu escafandro alarjado, e certamente as intimidara meu aspecto invulgar. Elas jamais tinham visto coisa semelhante.

— Sou dos vossos, camaradas, sou dos vossos — gritei eu, retirando o capacete hermetico.

Era a mulher de um guarda-floresta, Anna Aki-movna Takhárova e uma sua neta, Rita, de seis anos de idade.

— Por acaso você vem do Cosmos? perguntou ela absolutamente incrédula.

— Imagine só, sim, respondi.

— Iuri Gagárin! Iuri Gagárin! — gritavam, correndo ao meu encontro, os especialistas em trabalhos mecânicos do campo.

Foram as primeiras pessoas que eu encontrei na Terra depois do voo, homens simples soviéticos, trabalhadores do campo cosmoalano. Abraçamo-nos e beijamo-nos, como compatriotas.

Imediatamente chegou um grupo de soldados e oficiais que tinham vindo em caminhão, pela estrada. Abraçaram-me, apertaram-me as mãos. Um deles me tratava por major. Eu nada perguntava, compreendendo que o ministro da Defesa, marechal da

180

União Soviética Rodion Iakovlevitch Malinovski, me havia concedido um título especial, através de uma promoção a grau superior. Eu não o esperava, e fiquei confuso. Formamos um numeroso grupo e algum que havia trazido máquina fez a fotografia. Era a primeira foto após o voo.

Os camaradas militares me ajudaram a retirar o escafandro, e eu fiquei apenas com a macacão azul. Alguém me ofereceu o seu capote, mas eu recusei — pois o macacão era confortável e leve. O soldado mostrava grande interesse pela nave cosmica, que se encontrava no meio do campo lavrado, a algumas dezenas de metros de um profundo barranco onde rumorejavam as águas da primavera. A nave e sua instalação interna estavam em perfeitas condições: podiam ser utilizadas para um novo voo cósmico. Um sentimento de grande felicidade me invadia. Sentia-me feliz por ter sido a União Soviética a primeira a realizar o voo do homem ao Cosmos, convicção de que a ciência de meu país continuaria avançando ainda mais.

Os soldados montavam guarda junto à nave cosmica. Acima de nossas cabeças voava um helicóptero trazendo especialistas do grupo de recepção e comissários do esporte, que deveriam registrar o recorde de voo ao Cosmos. Eles ficaram junto ao "Vostok", enquanto eu me dirigia para a sede do comando desse grupo a fim de comunicar tudo a Moscou.

Ao encontrar-me com os camaradas que aguardavam meu regresso, soube que havia um telegrama para mim enviado por Nikita Sergueievitch Kruschiov, O Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido me saudava pela realização do raide cósmico. Anos alguns momentos fizeram-me uma ligação pelo telefone com o camarada Kruschiov, que se encontrava em Sotchi, no Mar Negro. Ouvir-lhe a voz ouvida e tão conhecida. Foi este um grande minuto em minha existência, quando mantivemos uma palestra cordial.

181

— Sinto prazer em falar-lhe, Iuri Alexievitch — disse Nikita Se. ulevitch.

Em resposta à minha informação sobre a realização com êxito do primeiro voo do homem ao Cosmos, Nikita Sergueievitch cumprimentou-me, interessou-se pela minha saúde, perguntou-me se eu tinha esposa e filhos, pai e mãe vivos, onde moravam, como se chamavam. Ao despedirmo-nos, disse Nikita Sergueievitch:

— Mais uma vez, de todo o coração eu o parabeno. Até breve, em Moscou. Desejo-lhe felicitidades.

Nestas arrebatadoras primeiras horas depois da volta à Terra, tive um lugar muito agradável com amigos e desconhecidos. Todos me eram próximos e queridos. Particularmente emocionante foi meu encontro com o Cosmonauta Dois, que, juntamente com outros camaradas, voara num jato do cosmodromo até a zona da aterrissagem. Abraçamo-nos calorosamente.

— Estás contente? perguntou-me ele.

— Muito mesmo — respondi; tu ficaras igualmente contente da próxima vez...

E dirigimo-nos todos para a margem da Volga, onde ficava uma estalagem. Ai tomei uma ducha, almocei e jantei ao mesmo tempo — desta vez a moda da Terra, com bom apetite terrestre. Depois de um pequeno passeio ao longo do Volga, joguei bilhar com o Cosmonauta Dois e, para terminar esse admirável dia em minha vida, o dia 12 de abril de 1961, dei-me e, passados poucos minutos, dormia como um anjo, como à véspera do voo.

X X X

Minha primeira manhã depois do regresso do Cosmos iniciou-se, como sempre, com a prática de exercícios físicos. Habitado à ginástica matutina, ela se me tornara uma necessidade e por nada deixaria de fazê-la. E mais necessária ainda se tornava hoje, pois tinha diante de mim um grande dia.

182

grandes conversações, grandes encontros.

As 10 horas da manhã, na estalagem à beira do rio Volga reuniam-se cientistas e especialistas que haviam equipado o "Vostok" para o primeiro voo em torno da Terra. Foi para mim uma alegria ver entre eles o Construtor-chefe. Ele sorria e seu rosto era mais jovem. Agora, depois que o homem se elevara ao Cosmos e rodeara o planeta, regressando a casa, tudo, por fim, estava em plena ordem. O Construtor-chefe abraçou-me e nos beijamos.

Fiz para os que estavam ali reunidos o primeiro relato do funcionamento de todos os sistemas técnicos da nave durante o voo, falei sobre tudo quanto vira e experimentara além da atmosfera terrestre. Escutavam-me atentamente. Eu, entusiasmado, falei por longo tempo. As impressões eram tantas e todas elas tão inéditas que eu queria imediatamente transmiti-las aos outros. Tentava não esquecer nada. A julgar pela fisionomia dos presentes, o meu relato lhes interessava. Depois se iniciaram as perguntas. A cada uma delas eu tentava responder com a maior precisão, compreendendo quanto isto era importante para os ulteriores trabalhos de desenvolvimento do Cosmos.

De Moscou, veio buscar-me um avião especial IL-18. No voo para a capital de minha Pátria foi organizada uma escolta de honra de aviões de caça. Eram os belos MIG em que eu voara outrora. Eles se aproximavam tanto do aparelho em que eu viajava que podia ver perfeitamente o rosto do aviador. Eles riam de satisfação, e eu igualmente. Olhei para baixo e espantei-me. As ruas de Moscou estavam repletas de gente. De todos os recantos da capital movimentavam-se verdadeiros rios humanos, sobre os quais, como velas, flutuavam bandeiras, confluindo para o Kremlim.

O avião passou baixinho sobre as ruas centrais da cidade e dirigiu-se para o aeródromo de Vnukovo. Ai havia também uma grande massa de gente. Tinham-me acompanhado que no aeródromo se encontravam membros do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e o chefe do

183

governo soviético, Nikita Sergueievitch Kruschiov.

Na hora prevista o IL-18 aterrissou e dirigiu-se para o edifício central do aeroporto. Eu tinha vestido o capote festivo de oficial com as novas insígnias de major, como de hábito reparei o seu reflexo na vidraça do avião e quando o aparelho parou abri-se a porta e eu desci a escada. Ainda de bordo, eu avistara a um lado a tribuna, cheia de gente e cercada de uma manjanda de flores. Do avião até ela estava estendida uma passarela de cor verde-limão-clara.

Devia seguir por ela, e seguir sozinho. E eu fui. Nunca em minha vida, nem mesmo na nave cosmica, eu me emocionara como nesse minuto. Parecia um caminho sem fim. E quando finalmente eu o encetei foi que voltei a mim e consegui controlar-me. Sob a objetiva das câmaras da televisão, do cinema e dos aparelhos fotográficos, continuei andando. Sabia que era alvo de todos os olhares.

Ao som da orquestra, que executava uma velha marcha da aviação, ando ainda cinco, dez, quinze passos, reconheço as fisionomias dos membros do Presidium do Comitê Central, vejo meu pai, minha mãe, Vália, encontro os olhos de meus parentes, o olhar animador de Nikita Sergueievitch Kruschiov. Dirijo-me a ele e, em continência, digo-lhe:

— Camarada Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Presidente do Conselho de Ministros da URSS! Tenho o prazer de informar-lhe que a incumbência do Comitê Central do Partido e do Governo foi cumprida.

Como na primavera, exalam as flores seu perfume. No silêncio que se faz não reconheço a minha própria voz, que se tornara mais forte. Em torno de mim, entre os muitos que me são caros, só vejo Nikita Sergueievitch e pereço a gama de sentimentos que lhe despertam minhas palavras.

— A 12 de abril, pela primeira vez na história da humanidade, a nave cosmica soviética "Vostok" realizou um voo com sucesso — acrescentou, e me parece que Nikita Sergueievitch me ouve com seu nobre coração.

184

— Todos os instrumentos e instalações da nave funcionaram com precisão absoluta. Sinto-me perfeitamente bem. Estou pronto a cumprir qualquer nova tarefa de nosso Partido e do Governo... Fiz uma pausa e apresentei-me: Major Gagárin.

Nikita Sergueievitch tirou o chapéu, abraçou-me fortemente e, conforme o velho hábito russo, beijou-me três vezes.

— Cumprimento-o! Cumprimento-o! disse ele, e eu senti como estava emocionado.

Nikita Sergueievitch apresentou-me aos membros do Presidium do CC do PCUS e, depois, conduziu-me até onde estavam meus pai, Vália e meus irmãos.

O tempo era primavera, quente e agradável. O curso dos automóveis do Governo saiu do aeródromo de Vnukovo em direção a Moscou, para a Praça Vermelha. Eu fiquei num automóvel aberto, ao lado de Nikita Sergueievitch. A margem de toda a estrada aglomerava-se gente, saudando os dirigentes do Partido e do Governo, saudando a inédita conquista de nossa ciência e técnica. Na fachada dos edifícios tremulavam bandeiras vermelhas, viam-se faixas e cartazes. As pessoas agitavam galhardetes e buques de flores. Tocavam orquestras. Adultos carregavam crianças em seus ombros.

Certamente, nenhum outro homem no mundo experimentou o que eu experimentei nesse dia festivo. E ali estava eu, a nossa Praça Vermelha, na qual havia bem pouco, antes do voo, eu estivera diante do Mausoléu. Trabalhadores de Moscou o chamam de um extremo a outro. Andando agilmente à frente, Nikita Sergueievitch conduziu-me à tribuna de granito do Mausoléu. Ele percebeu que eu estava confuso e esforçava-se por que eu não sentisse qualquer rubor ou acanhamento.

O comício foi aberto por um membro do Presidium do CC do PCUS, o secretário do Comitê Central, First Pomanovitch Koshov, que logo a seguir me deu a palavra. Eu sentia a respiração suspensa; basta dizer que tudo o que se passava na Praça Vermelha era ouvido não só em nosso país, como pela primeira

185

vez estava sendo transmitido pela televisão para toda a Europa, enquanto o rádio funcionava para todo o mundo.

Meu discurso foi breve. Agradeço ao Partido e ao Governo, agradeço aos nossos sábios, engenheiros, técnicos, operários que haviam convertido uma nave na qual se podia confiantemente desvendar os mistérios do espaço cósmico. Ao exterior a convicção de que todos os meus amigos, aviadores cosmonautas, também estavam prontos para a qualquer momento efetuar vãos em torno da Terra, terminei com estas palavras:

— Glória ao Partido Comunista da União Soviética e a seu Comitê Central leninista encabeçado por Nikita Sergueievitch Kruschiov!

Este viva foi repetido por toda a Praça.

A seguir, saudado por uma calorosa ovação popular, discursou Nikita Sergueievitch Kruschiov. Seu discurso estava penetrado da profunda confiança nas poderosas forças criadoras dos soviéticos, na vitória do trabalho e da ciência sobre as forças bárbaras destruidoras. Quando Nikita Sergueievitch comunicou que me havia sido concedida a elevada condecoração de Herói da União Soviética e a primeira insígnia de aviador-cosmonauta da URSS, eu me comovi da cabeça aos pés. Pois toda a nossa geração de jovens que se tornaram adultos depois da guerra, desde a infância alimentava um grande respeito pelas condecorações da Pátria. A União Soviética é um país de heróis em massa. Nosso povo considera com justiça o Estreito de Oura como um símbolo da Intrepidez e da Ilimitada Determinação à causa do comunismo. Cada um dos nossos jovens nomes na construção dos Heróis. Entre os seus, o povo soviético inscreveu meu nome. Como poderia deixar de alegrar-me e confundir-me?

— Orgulhamo-nos de ter sido o primeiro cosmonauta do mundo um soviético — disse Nikita Sergueievitch —, um comunista, membro do Partido de Lênin.

— F I M —

A Juventude Eterna de Picasso

Georges Tabaraud

«Isso só acontece comigo», dizia Picasso quando alguém lhe lembrava o aniversário de seu próximo aniversário, o octavo, o décimo. Diz isso com um ar meio irônico e meio brincalhão.

Meio irônico: «Sabe, não tem graça nenhuma, você verá quando chegar a sua vez».

Meio brincalhão: «Porque isso não é verdade? — o cartório de Malaga pode dizer o que quiser, que ele não tem 80 anos».

Ha três semanas atrás (se se lembrava em Cannes com seu filho Claude e sua esposa Jacqueline. O corpo brônco, o rosto solto, em movimento incessante, o olhar atento quando Claude desaparecia ao largo sobre seus coturnos aquáticos, sensível ao menor detalhe, em plena forma).

A verdade é que nenhum outro pintor conheceu nada parecido com essa juventude, a Picasso.

Esta semana, o mundo inteiro vai falar dele. Não se inaugura, anualmente em dez países diferentes, exposições dedicadas à pintura. Na Inglaterra, na Suíça e na Espanha estão anunciadas edições de novos livros. Em Nova York será aberta uma boutique de arte exclusivamente destinada à venda de suas obras. Em Barcelona a imprensa se congratula com a conclusão de um museu a Picasso. Em Vallauris, a prefeitura...

ta vai consagrar dois dias inteiros à homenagem que quer render a seu cidadão de honra. Na prisão de Burgos os detidos republicanos preparam uma grande conferência.

Desde agora as mensagens de felicitações já chegam a Cannes.

Ale hoje, o aniversário de um pintor era antes de tudo questão de um pequeno círculo, por mais importante que ele fosse. Dessa vez a homenagem se estende a cidades inteiras, a dezenas e dezenas de milhões de homens.

A aventura Picasso é talvez o lugar certo. Como um pintor considerado difícil, criador de formas artísticas novas, inimigo de qualquer concessão, contida pelo hábito de ver coisas, como por inúmeras comentários a seu respeito, pode-se fazer amar e admirar por esses milhões de homens?

LEMBRANÇA DE BARCELONA

Comçou quando o jovem Pablo Ruiz Picasso se tornou com seus pais em Barcelona, o centro revolucionário da Espanha.

A escola de Belas Artes, sem dúvida, marcou menos seu espírito que a terrível miséria da terra catalã, que manifestações das ruas e as revoluções da cidade.

Essa generosidade, essa sinceridade, esse carinho em relação as pessoas pobres, trabalhadores, ficaram agregados a toda sua obra e o pintor frequentemente se voltava nessa direção.

Mais tarde, o domínio de sua arte, a síntese de seus conhecimentos descobertos, da sinceridade de arte negra, a vontade de evocar o passado e a luta contra o conformismo o levarão a quais novas. Mas a aventura do cubismo vivida em Paris não o fará esquecer a aventura precedente vivida em Barcelona nem suas lições.

Foi-lhe necessária, contudo, para fazer tudo isso, muita coragem. Não esqueçamos que desde 1906 Picasso tinha sua clientela de admiradores fiéis, colecionadores agrupados em torno de Gertrude Stein e de seu irmão.

Les Femmes d'Alger (As moças de Avignon) negado ao mesmo tempo as seqüências do impressionismo e os elementos considerados como adquiridos desde a Renascença, deviam lançá-lo a um isolamento absoluto. Não só

um isolamento moral, pois apenas um pouco mais tarde é que Braque e outros vieram juntar-se a ele, mas também a solidão física da miséria.

Ele me contou certa vez como, nessa época, o Père Frère foi visitado no inverno em seu atelier, levando em seu pequeno jumento um saco de carvão, um pouco de alimentos, uma pequena garrafa de absinto e uma moeda de 20 francos. Cinquenta anos depois, ele ainda me contava isso como se se tratasse realmente da chegada de Papai Noel nesse atelier sem aquecimento, sem pintura e sem comida.

Recusando-se a ouvir os que o aconselhavam a voltar atrás, Pablo Picasso continuará no caminho escolhido de suas famosas paisagens de Horta de Ebro e La jeune fille à la madrilène «Moça com bandolim».

A nova escola pictórica, que iria subverter o passado, tinha nascido. A solidão iria suceder o trabalho coletivo. Com Kandellier, eslavos de volta os compradores. Mais uma vez, Picasso iria poder manter-se.

Mais uma vez, preferiu jogar tudo ou nada, introduzindo na pintura elementos novos: papel de embrulho, colagem, etc., acrescentando as pesquisas anteriores, esses novos materiais.

Ainda outra vez, ele poderia ter parado. Mas onde Picasso colocava seu gênio criador a serviço da pesquisa absoluta de uma beleza e uma realidade novas, outros fizeram truques. Então Picasso, que já, mais bandonara o desenho, voltou a pureza linear, fazendo avançar constantemente a lição de Ingres, rejeitando as facilidades e os excessos da abstração.

Depois ele pôde misturar os gêneros e as fases: abandonar o cubismo, voltar a ele, abandoná-lo novamente; nunca, através de todas essas demarches, ele esqueceu a realidade do momento nem as circunstâncias exteriores que cercam a criação.

Durante a guerra, refugiado em Royan, pintou uma tela célebre, Le Bar des Balins. Superficialmente, poder-se-ia dizer que se trata de uma bellissima paisagem. Mas quem, vendo-a, perguntou a si próprio por que as janelas do bar são azuis e colocando a questão, lembrou-se de que em 1940 o azul nas vidraças era obrigatório como camuflagem anti-aérea?

Mesmo o barco que se vê nesse quadro não é um barco qualquer: é o do pescador real, que queria sair do porto e sobre o qual os alemães artilharam para obrigá-lo a voltar.

É claro que na tela nada disso está explicado diretamente. Mas nada disso deixa de pertencer a essa realidade que Picasso nunca abandona e que está sempre presente em toda sua obra.

«O TRABALHO É O AR QUE RESPIRO»

Pintar é para ele em primeiro lugar um trabalho, um trabalho difícil sem modelo a seguir; a aproximação incessante do reflexo interior ao mundo real.

«O trabalho é o ar que respiro, é um órgão a mais», disse-me um dia. E preciso afastar toda idéia de facilidade na arte de Picasso. Nos meses que precederam esse 25 de outubro, ele reconstituiu Le déjeuner sur l'herbe (Almoço, sobre a relva) de Manet, como antes fizera com Melinez (Doulzas), de Velasquez. Isso representa dezenas de dias e centenas de desenhos. Nunca Manet trabalhou tanto em seu Déjeuner. O que se chama a «facilidade» de



Picasso, é o gênio e mais 65 anos de experiência e trabalho incessantes.

Já são dados que há muito se impõem à consciência dos homens. Sôzinhos, essas razões não seriam ainda suficientes para explicar essa notoriedade universal. Há, portanto, outras, Simplificando ao máximo a idéia, como La Colombe (A pomba), por exemplo.

Para centenas de milhares de homens esse desenho, ou melhor, esses desenhos, tornaram-se o símbolo da luta pela paz. Paralelamente, contribuíram para a desmistificação da legenda Picasso. Entretanto a própria La Colombe não nasceu de um simples cruzamento do comício de Buffalo com o congresso de Wrocław. Que o choque desses dois elementos foi importante não há dúvida. Mas bem antes já havia sido feito, em 1937, Guernica. Vinte e sete metros quadrados de superfície para representar o ódio e a barbárie fascistas. O pintor não fez aí nenhuma concessão pictórica. No entanto, não houve um entre as dezenas de milhares de visitantes do Pavilhão da Espanha Republicana na Exposição Internacional de Paris que não tenha compreendido esse grito.

Do Guernica a sua adesão ao Partido Comunista, do Partido ao retrato de Bealunzio, Picasso pôs suas pesquisas a serviço do ho-

mem. «Como seria possível, escrever ele, desistir, ressar-se dos outros homens e partindo daquela indolência alabastrina, afastar-se de uma vida que eles nos trazem tão copiosamente? Não a pintura não foi feita para decorar os apartamentos e um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo. O inimigo ali tanto é o conformismo acadêmico, o abstrato como o fascismo e a guerra. Milhões de homens estão conscientes da importância da pomba de Picasso na luta pela paz».

O inimigo também. Quando em 1942 Wladimir Bruckner para pregar a colaboração, seu primeiro alvo público foi Pablo Picasso e foi contra ele que fez em Comédia seu primeiro requisiório. Quando Malraux tornou-se Ministro da Cultura, em 13 de maio de 1958, assumindo o cargo, seu primeiro ato foi proibir a inauguração do templo da paz de Vallauris e ameaçar para lá enviar seus CRS.

NÃO HÁ HOMEM MAIS SIMPLES

Mais resta ainda falar do homem. O homem do dia a dia. Sem dúvida é sobre ele que a imprensa e a literatura mais procuram mistificar. Apresentam-no ora como um monstro sagrado, ora como um gênio egoísta, ora como uma espécie de potên-

tado oriental tirando das realidades inenunciáveis da vida de seus quadros como Ali Babá do tesouro. Ora como um farsante explorando a credulidade pública. Que mais?

Na realidade, pondo-se de lado o lairinto da criação, não há homem mais simples que Pablo Picasso. Depois do varinho de Jaque, line, sua esposa, achou que não tem nenhuma outra necessidade além de espaço para atelier, salas imensas onde possa trabalhar tranquilamente. Esse espaço ele pode encontrar numa fazenda desocupada como Fontaines, num castelo como Vauvenargue ou ainda numa villa — bastante confortável como Mougins. O espaço de seu trabalho é tal que, dia após dia, inevitavelmente, a pintura, os desenhos, as gravuras, invadem tudo, pegam após peça, qual não sem vontade. Os atelier — primeiro, depois a sala de estar, a de jantar e os quartos suítes, cada um por sua vez, o cabo de alguns anos, dá imensa superfície não só, mas também duas ilhas: uma para a cama, outra para a cozinha, onde fazem as refeições. Nada restava a fazer, então, senão emigrar, outro local.

O resto? Que resto? Com o trabalho, com Jacqueline, com seus filhos nas férias, com seus amigos, a felicidade de Picasso está completa. É simples assim (ora, evidentemente, os demônios da criação). Tudo mais é má literatura. O que não significa que Picasso não seja um tanto fascinante. Agard, seu torçador, disse-me certa vez em Vallauris: «O que me impressiona desde o início foi sua elegância no trabalho; um homem como ele podia passar sem tanto trabalho ou empregar meios ardor, encontrar no trabalho mesmo gosto. Eu também me meo ofendido e no entanto levei algum tempo para compreender esse entusiasmo. Mais rapidamente ele me transmitiu mais gosto, ardor, desejo, prazer em trabalhar as pedras que me pedía».

«Todo o fascínio de Picasso reside em nossa comunidade anti-fascista». Em Vallauris, as operações eram: Gosta, e de Picasso como se pode gostar de um operário? Não é em definitivo, a chave desse amor e dessa admiração que lhe vão demonstrar esta semana dezenas de milhões de homens? Um grande pintor, o maior que é também um operário militante, essa definição não desautoriza a grandeza de um Paul Eluard e também de um Pablo Picasso que o homem que avança sobre a vida passa um mês inteiro.

«Espirito de 1.1100 de 1961»

Assuntos em coquete!

Canto de Página
Enéida

Não tanto o assunto — hoje — que um cronista que se preta fica meio embaraçado sem saber qual deles — amarrar seu nome num dele, para aplaudir ou protestar. Como falar a por-de-sóis ou em Misa? Alias essa historia de mias e de arder. Cada miasa bonita — porque ninguém pode negar a beleza das praças — que vai desta terra para esse, horríveis concursos de beleza, os jornais ficam noticiando que elas são as preferidas, que vão ganhar na certa, talam em finalista, já ganhou, já ganhou. Depois nem classificadas são, nera que ninguém se apercebe que atrizes desses concursos ou que existe e politica? Querem continuar manando Misa? Mandem, mas não fiquem contando vitórias antes da vitória que nem e coisa direita tem e bom para as moças.

Mas membros de assunto: o comandante da Polícia Militar durante um banquete em homenagem ao governador (infortunado) da Guanabara CL, oferecido pela corporação, disse uma coisa ou varias impressionante. Disse, por exemplo, que «a boa policia e aquela em cuja formação se inserem principios que revistam o policial de consciência repulsa a violencia». A frase e longa mas o conceito é bom sem dúvida. E corajoso. Disse a CL que a policia não deve ser violenta quando o homem só vive, respira, age e sente a violencia, e fustuloso. O discurso deômo comandante é uma peça digna de arquivo. Vejamos só o texto: «... a policia passa a ter papel destacado na educação, inclusive dos marginais da sociedade, cuja criminalidade, antes de ser efeito da liberdade de arbitrio individual, parece que ja e do atrasado estado do espirito ou de um condicionamento, de que a vontade é apenas uma decorrência». Outra frase complicada mas, trocada em miltons, dá um belo conceito: quem faz e chamado marginal e a propria sociedade em que vivemos.

Mudemos de assunto: vocês viram o que disse o doucador Buiões de Carvalho, homem de bom e que entende do problema, sobre o famigerado Serviço de Assistência a Menores? É um prato delicioso. «Resolvam transformar o SAM em órgão politico. A sua imensa verba que se eleva a um bilhão de cruzeiros passou a subvencionar a toda a sorte de instituições, inclusive ginásios destinados a internações de menores não remetidos pelo Juizado». E por ai vai. Os funcionários do SAM são nomeados por pistola politica, etc. e como os meninos são genios e vivem sob fome e pancadaria revoltaram-se como acaba de ocorrer no Instituto Anchieta. Só há uma coisa que o desembrador esqueceu de dizer ou disse mal: a diretoria do SAM sempre foi entregue não a um entendido no assunto (tristíssimos os nesses número que por lá passaram) mas sempre como cargo politico. Quem não sabe isso é cego ou bobo. Quanto as verbas serem mais aos bolsos dos empistolados do que aos internados.

Enquanto isso leia uma noticia de Cuba. — Cuba que faz razer os dentes do CL, do Roberto O globo Marinho, etc: até agora foram alfabetizados 271.196 cubanos. E o ministro de educação de lá declara que «é necessário intensificar o ritmo da alfabetização em Cuba para que eles possam proclamar ao mundo que em seu país todos sabem ler e escrever».

Aqui mais fadas há: as fadas de Cuba são boatinhas. Como near?

VIAGEM A MOSCOU E PEQUIM

Recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado: «O sortelo que tem por prêmio uma viagem a Moscou e Pequim, e que corre no dia 25 de novembro corrente, pela Loteria Federal, correza pela Loteria do Estado do Rio de Janeiro, no Natal, dia 21 de dezembro de 1961.»

Ajuda a NOVOS RUMOS

Rio Grande (R.G.Sul)	250,00
Ciolo R. Figueira e o (Maricá)	50,00
Curitiba (ajuda extra)	5.000,00
Saturnino (S. J. Meriti)	100,00
Waldemar S. Lima (S. Paulo)	100,00

OBRAS ESCOLHIDAS — 1º VOLUME MAO TSÉ-TUNG

Um lançamento da Editorial Vitória

- Pela primeira vez publicadas em português
- O primeiro volume, agora editado, contém as mais famosas obras do líder chinês referentes ao período 1921-1936, inclusive os trabalhos Sobre a Prática e Sobre a Contradição.
- Em todas as livrarias. Preço do exemplar: Cr\$ 700,00.

Pedidos pelo Reembolso para a Caixa Postal 165, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara

REVISTAS SOVIÉTICAS

Entre as revistas de leitura mundial, as revistas soviéticas ocupam um lugar destacado. Não é por acaso. As grandes conquistas dos povos soviéticos no campo social, na ciência e na técnica; na agricultura, indústria e comércio; ensino, artes e esportes, etc. despertam grande entusiasmo e desejo de conhecê-las. E, sem dúvida, as revistas soviéticas satisfazem plenamente a todos os seus leitores.

Em suas páginas, os leitores encontram reportagens ilustradas e interessantes trabalhos a respeito de como a União Soviética domina o átomo e conquista o Cosmos; obras de escritores soviéticos e comentários sobre os acontecimentos internacionais, conselhos domésticos e reproduções de quadros.

Em todo o mundo estas revistas são lidas. Para isso são editadas em muitas línguas, entre as quais: espanhol, inglês, francês, árabe, etc. Elas refletem todos os aspectos da vida dos homens soviéticos, seu trabalho e seu descanso, assim como todos os acontecimentos interessantes da vida cultural e esportiva da URSS.

Por serem editadas em espanhol, as revistas mais lidas no Brasil são: UNION SOVIÉTICA, LA MUJER SOVIÉTICA, CULTURA Y VIDA, TIEMPOS NUEVOS, LITERATURA SOVIÉTICA e FILMS SOVIÉTICOS. Tratam-se de revistas modernas, maravilhosamente ilustradas em cores. Todas elas são enviadas diretamente ao Brasil, aos assinantes brasileiros, por via aérea. Os milhares de assinantes brasileiros, em todos os pontos do território nacional, estão recebendo essas revistas com regularidade.

Os preços de assinaturas anuais dessas revistas são muito acessíveis. UNION SOVIÉTICA custa por ano apenas Cr\$ 600,00; LA MUJER SOVIÉTICA, Cr\$ 180,00; CULTURA Y VIDA, Cr\$ 700,00; TIEMPOS NUEVOS, Cr\$ 180,00; LITERATURA SOVIÉTICA, Cr\$ 290,00; e FILMS SOVIÉTICOS, Cr\$ 600,00.

Assim, assinando hoje, não deve de esquecer as revistas: União Soviética, Mulher Soviética, Cultura y Vida, Tiempos Nuevos, Literatura Soviética e Filmes Soviéticos. Assine hoje mesmo na: AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL, Rua dos Estudantes, 84, sala 28, São Paulo, SP. (Tel. 28-5544). A agência também recebe pedidos de revistas estrangeiras. Para comprar as revistas, basta preencher o formulário e enviar o pedido de cheque ou via postal.

APRENSÃO DE REVISTAS NO CORREIO

Apesar de a Direção Geral do Departamento dos Correios e Telecomunicações, o coronel Dagoberto Rodrigues determinou medidas para liberar toda a correspondência procedente da União Soviética, de Cuba da República Popular Chinesa e outros países socialistas, que se achava arbitrariamente retida. Várias malas foram então abertas e distribuídas as encomendas nelas contidas.

Ultimamente, porém, tem chegado à nossa Redação queixas de pessoas que se dizem prejudicadas por não estarem recebendo normalmente a correspondência que lhes é mandada daqueles países, inclusive publicações de que são assinantes. Por outro lado, segundo chegou ao nosso conhecimento, as determinações baixadas pelo coronel Dagoberto Rodrigues estão sendo desrespeitadas em várias agências do interior do país, como acontece por exemplo, em Recife, onde revistas e outros materiais continuam a ser apreendidos.

Transmitimos essas reclamações ao diretor-geral do Departamento de Correios e Telecomunicações, esperando que urgentes e energias medidas sejam adotadas a fim de que tais arbitrariedades não continuem a se verificar.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

REAPARECEU O CACHORRO DO AGUSTO FREDERICO SCHMIDT

«Peter», o cachorrinho de estimação do poeta Augusto Frederico Schmidt, havia desaparecido na praia do Leblon, domingo atrasado. Graças a um apelo transmitido pela rádio Globo, contudo, o animalzinho foi devolvido ao seu dono e já está, outra vez, desfrutando da tranquilidade da casa.

SOCIÓLOGO FAMOSO DEFENDE O Y DO SOBRENOME

O sociólogo Gilberto Freyre defendeu, em artigo publicado na revista «O Cruzeiro», o «Y» do seu sobrenome, afirmando que não abriria mão do mesmo. Espera-se que a Academia Brasileira de Letras se manifeste sobre o importante assunto.

POETA NEOCONCRETO PRODUZ UM POEMA QUE É O FIM

No suplemento do «Jornal do Brasil» (18.11), o poeta Albertus anunciou ter montado um poema elétrico. O «leitor» depara com um quadrilátero branco, aberta uma bolha e aparece, iluminada, no centro do quadrilátero, a palavra FIM. Ou, como nos filmes da Metro, THE END.

SUBLITERATURA DE BATINA INSTALADA NO «O GLOBO»

O padre Caetano Vasconcelos, da coluna «Palavras de Vida», tem andado terrível, ultimamente. Oucamo-lo: «Que coisa alegre e feliz uma pessoa naturalmente sobrenatural e sobrenaturalmente natural!»

PONGETTI FAZ RECLAME DE SI MESMO PARA VENDER-SE MELHOR

Também na «O Globo», o cronista Henrique Pongetti anuncia que está a vender um livro seu, intitulado «Alta Infidelidade». E explica: «Tenho a imodéstia de me considerar um espírito ameno e recreativo, adequado a presença de Boas Festas».

LIVRO SOBRE A CRISE PROVOCANDO DISCUSSÃO

Domingo último, em um bar de Copacabana, dois líderes estudantis discutiam animadamente a respeito do livro que o poeta Moniz Bandeira dedicou ao «24 de agosto de Jânio Quadros».

SUTILEZAS LINGÜÍSTICAS DA «MATER ET MAGISTRA»

Segundo o prior do Mosteiro de São Bento, D. Basílio Penido, a sociologia aplicada pela D. Basílio Penido deve ser entendida como o socialismo, pois este «apanha a alma do homem».

NOVOS LIVROS

EM PORTUGUÊS:	EM ESPANHOL:
OBRAS ESCOLHIDAS de Mao Tse-Tung. 1. vol. 204 pgs., broch.	UN HISPÉRID DEL COSMOS, de Víctor Gollwitzer. É possível a vida em outros planetas? Edição de Moscov.
A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPEONESA de Lenin. Estudo marxista da Reforma Agrária. 620 pgs., br.	LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, de M. Delbecq. Vinte e três anos de guerra. São os acontecimentos. Amplos e completos. 847 pgs., broch.
O TRABALHO DO PARTIDO ENTRE AS MASSAS, de Lenin. 224 pgs., broch.	CABA A CABA, con NORTEAMÉRICOS, de Kautsem e outros. O maior completo e moderno tratado. 800 pgs., broch.
HISTORIA DOS TEMPOS ATUAIS, de Revueltov. 363 pgs., broch.	RA CLÁSICA CHINA de Fong Yung-Chun. 180 pgs., broch.
OBRAS ESCOLHIDAS, de Mao Tse-Tung. Vol. I — da edição.	MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO, de Kautsem e outros. O maior completo e moderno tratado. 800 pgs., broch.
O ESTADO E A REVOLUÇÃO, de Lenin. 180 pgs., broch.	IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO, de Lenin.
RIEVE MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova. Em ...	
DICIONÁRIO PORTUGUÊS-RUSSO, de ...	
DICIONÁRIO RUSO-PORTUGUÊS E GRAMÁTICA LINGUA RUSSA, de ...	

PEDIDOS A:
AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL
Jurandir Guimarães
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
SÃO PAULO

Memórias pelo Reembolso Postal. Os livros poderão ser acompanhados por um bilhete-memorando a pagar em cheque, em cartão postal ou em dinheiro. Os livros serão enviados por correio aéreo, com o custo de postagem de Cr\$ 500,00. Os pedidos de Cr\$ 500,00 para uma não pagam taxas postais.

SECRETÁRIO DO P.C. DO EQUADOR A NOVOS RUMOS

Derrotas Dos Golpes Imperialistas Provam: Luta do Povo Pode Libertar América Latina

"Ao lutar contra a política antipovo de Velasco e ao derrotar os golpistas, o povo equatoriano demonstrou sua força e sua organização. A luta pela conquista das aspirações do povo continuará com maior vigor e êxito e o fator determinante do futuro equatoriano" — declarou notadamente a NOVOS RUMOS em entrevista exclusiva, o secretário geral do Partido Comunista do Equador Pedro Saad, que se pro-

nunciou a respeito dos últimos e importantes acontecimentos verificadas naquele país irmão. Quando Velasco subiu ao poder — afirmou inicialmente —, ha quatorze meses, apresentou um programa em que se propunha a atender todas as necessidades do povo, realizar a reforma agrária, solucionar o problema do desemprego, não aumentar mais os impostos, etc. Nenhuma dessas prome-

zas foi cumprida. Desde o primeiro momento reencenou-se as forças oligárquicas, realizando uma política de enfraquecimento do povo. Com menos de um ano os impostos foram aumentado em mais de 500 milhões de dólares. A moeda nacional foi desvalorizada em aproximadamente 20%. de acordo com as determinações do Fundo Monetário Internacional. Além de não atender em nada as necessidades e exigências popu-

lares, o governo de Ibarra permitiu o saque geral do país pelo grupo que detinha o Poder. "Esta política estava em franca contradição com as posições que Velasco adotava no terreno internacional. Em sua política externa, V. C. a seu sustentava o princípio de não-intervenção e de autodeterminação dos povos, negou-se a romper relações com o governo reacionário de Fidel Castro, defendendo-o.

Essa contradição não podia durar muito tempo, afirmou. A situação era insustentável e as oligarquias lançadas ao imperialismo já haviam a cada dia novas posições no governo. Este estado de coisas provocou o desencantamento popular e o consequente surgimento de lutas de massas energicas contra a miséria e pela elevação do nível de vida da população. A manifestação mais elevada desta luta foi a greve nacional que se verificou no dia 4 de outubro convocada pela Confederação dos Trabalhadores do Equador.

O REPÓRTER DO JB NÃO PÔDE COMPREENDER O CONGRESSO DOS LAVRADORES

A. Guedes

O que predominou nos resultados do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas foi a unidade, que se tornou possível através do debate franco e fraternal entre as organizações e pessoas que dele participaram. Discutiram-se as questões relacionadas com a política a ser seguida para ganhar as massas para as posições de uma reforma agrária radical, bem como os problemas da organização do movimento camponês. Nessas discussões é que se chegou à média das opiniões expostas no Congresso.

O fator que mais contribuiu para a unidade foi a definição, pelo Congresso do caráter da reforma agrária que convém às massas camponesas. A Declaração sobre o caráter da reforma agrária, adotada unanimemente por todas as correntes do Congresso, definiu-a como uma reforma agrária que modifique radicalmente a atual estrutura de nossa economia agrária e as relações sociais imperantes no campo. Esta definição é completa, mais adiante, com a fixação do princípio de que a reforma agrária só pode ser conseguida pela atuação de um movimento camponês organizado e atuado, em sua luta, pelo proletariado das cidades, pelas estudantes, pela intelectualidade e pelas demais forças nacionalistas e democráticas do País.

Deu-se, com tal Declaração, um grande passo para separar, no terreno da luta pela reforma agrária, o falso do verdadeiro, o revolucionário do demagógico. Na medida em que essas ideias sejam divulgadas e chegam ao conhecimento das grandes massas, será difícil qualquer exito dos que especulam, através de um jogo de palavras, com legítimas reivindicações do movimento democrático brasileiro. Será difícil ao sr. Carvalho Pinto, por exemplo, impingir a sua "revisão agrária" como uma reforma de base, como algo que interesse aos camponeses. As ideias claras expostas pelo Congresso vão servir portanto para vencer a confusão em torno do assunto e, paralelamente a isso, ajudar o processo de unidade das forças democráticas já engajadas na luta pela reforma agrária. No Congresso, foi estabelecido de fato um contato permanente entre as Ligas de Julho, a ULTAB e os estudantes, o que vai multiplicar as forças da campanha nacional pela reforma agrária.

O caráter unitário que teve o Congresso não tem sido destacado pelos comentários da grande imprensa. Ao contrário, procura-se ressaltar as divergências ali surgidas como o principal. Chega-se mesmo, nesse sentido, a mistificar. É natural que assim seja: não agrada aos inimigos da reforma agrária — e mesmo aos partidários de uma reforma limitada — a unidade alcançada no Congresso, so que se traduzirá na prática, em fortalecimento do movimento camponês. A nenhuma dessas forças, tanto as contrárias à reforma agrária como as partidárias de uma reforma limitada, interessa um movimento camponês influenciado pelas forças renovadoras de nossa sociedade, um movimento inflamado pela ideia da reforma agrária radical. A eles, ou a alguns deles, pode interessar, no máximo, uma reforma agrária limitada e feita de cima, sem a participação do movimento camponês; a nós, isto é, a todas as forças de esquerda, interessa, antes e acima de tudo, o movimento camponês, a força social capaz de conquistar e transformar em realidade a reforma agrária, e

mais do que isto, capaz de fundir esse movimento com as reivindicações anti-imperialistas de todo o povo.

É interessante, a esse respeito, analisar a reportagem publicada no Jornal do Brasil, do dia 19. O centro dessa reportagem é a disputa que teria havido no Congresso entre os comunistas e Julião. Nada mais inverídico. O que o repórter faz é deformar fatos para lhes dar uma significação diferente da que realmente tiveram. Vejamos.

Travou-se na Comissão de reforma agrária uma discussão em torno de uma tese da ULTAB. Alguns dos participantes da Comissão viam na tese uma contradição entre o sentido geral a favor de uma reforma agrária radical e um dos seus itens que dizia respeito à necessidade de se lutar pela regulamentação em lei do arrendamento e da parceria, como medidas capazes de fortalecer a luta pela reforma agrária radical. Os companheiros que assim pensavam — entre os quais estava o deputado Julião — achavam a medida oportuna e indicada, e achavam a medida inoportuna e indôqua, e mesmo reacionária de vez que significava o reconhecimento legal da parceria e do arrendamento. Os que defendiam a medida, entre os quais os comunistas, o faziam partindo do ponto de vista de que não há contradição entre a luta por desenvolvimento econômico e a luta por desenvolvimento econômico e social, enquanto não é conquistada uma re- formação total no campo brasileiro e a luta pela reforma radical do regime da propriedade latifundiária da terra e das relações de produção precapitalistas que caracterizam a vida rural de nosso País nos dias de hoje. Argumentavam que tais medidas aumentam a área de atrito entre as forças camponesas democráticas e o latifundismo, dinamizam a luta de classe no campo, ajudam, enfim, a elevar a consciência e o nível de combatividade das massas trabalhadoras rurais pela reforma agrária radical. Trouxeram a favor dessa ponto de vista o que se faz no terreno da luta anti-imperialista, onde, por exemplo, a luta por reivindicações isoladas, como é o caso da campanha que terminou pela criação da Petrobras, não amortecem a combatividade do movimento de emancipação nacional, mas, ao contrário, o fortalecem. E concluíram: vemos na medida proposta uma relação que sempre existe, nos períodos de acumulação de forças, entre as reformas, e as transformações revolucionárias.

Na discussão, na Comissão, o ponto de vista do companheiro Julião e outros, obteve a maioria, ponto de vista que, por acordo geral, foi levado ao plenário do Congresso. Foi isso o que ocorreu. Discussões idênticas travaram-se durante o Congresso e terminaram sempre em acordos. No debate referido, concordou-se em tomar a tese da ULTAB como base — e isso foi feito — para a resolução mais importante do Congresso, a Declaração sobre o tipo de reforma agrária que convém aos camponeses e ao movimento democrático e nacionalista.

O que o repórter do Jornal do Brasil não compreendeu, ou não quis compreender, é que tais discussões são a própria base da unidade conquistada pelo I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas. O que ele não percebeu é que o Congresso saiu mais forte Julião e as Ligas Camponesas a ULTAB e todos os que lutam por uma reforma agrária verdadeira.

Os EUA Violam a Soberania da República Dominicana

O povo da República Dominicana atravessa estes dias uma situação de extrema gravidade. A revolta popular está nas ruas para acabar definitivamente com os restos do regime ditatorial antipovo do Velasco e com a influência e os interesses americanos recentemente assassinados — Rafael Leonidas Trujillo. A oligarquia trujillista vinha empurrando para os estereos, através de seu líder de ferro Joaquim Balaguer,

para impedir uma transformação radical no país, a reconquista das liberdades democráticas suprimidas há mais de 30 anos e a afirmação da completa independência nacional, limitada pelas empresas estrangeiras que dominam a economia do país. Nos últimos dias, ante imponente crescimento das lutas populares na Capital e em outros pontos da República Dominicana, enquanto forças militares repressivas eram postas

em prática por Balaguer, numerosas unidades da Esquadra norte-americana ameaçavam diretamente Ciudad Trujillo. Ao mesmo tempo em que era implantado o estado-de-sítio, 14 navios de guerra dos Estados Unidos inclusive o porta-aviões Franklin Roosevelt invadiram as águas territoriais dominicanas, numa das mais cínicas intervenções lançadas nos últimos tempos na América Latina. As principais agências americanas informam: 14 unidades da Marinha dos EUA estão desde domingo ancoradas ao largo de Ciudad Trujillo e aviões a jato do porta-aviões Franklin Roosevelt voaram sobre a capital dominicana.

LÍCIO HAUER: EUA FAZEM DA...

(Conclusão de 4 pag.)
ções do mundo de hoje, dois Estados alemães com regimes sociais diferentes. Não, Sr. Saad, disse sr. presidente. Para aqueles que compreendem o desenvolvimento da situação internacional principalmente as questões relacionadas com a situação da Alemanha as propostas da União Soviética correspondem integralmente a realidade objetiva e estão na essência voltadas para a salvaguarda da paz, com a eliminação do mais perigoso foco de tensão do mundo. Não pretendem a URSS tomar medidas unilateralmente. O memorando enviado pelo primeiro ministro Nikita Khrushchov ao presidente John Kennedy propõe, exata e claramente, uma conferência ampla, da qual participem todos os países que foram aliados na guerra contra a Alemanha nazista, com o objetivo de estabelecer definitivamente o estado de paz com a Alemanha, de acordo com o estabelecido nas Conferências de Ialta e Postdam, em 1945 e que, considerando a situação existente naquela região europeia, depois de todos esses anos que se seguiu a destruição de Hitler, mas não de sua camarilha. Naturalmente que a União Soviética se arroga o direito, em caso de os seus amigos aliados se recusarem a discutir a questão, de tomar as medidas adequadas para liquidar unilateralmente o estado de ocupação da Alemanha, assinado um tratado de paz ou com os dois Estados alemães, de preferência, ou simplesmente o estado de guerra em caso de o sr. Adenauer a tal se recusar. Mesmo assim leve em conta o fato de que a simples recusa dos países ocidentais dará a União Soviética razões suficientes para agir unilateralmente, devendo lembrar que os próprios Estados Unidos já abriram um precedente dessa natureza quando, violando os acordos anteriormente firmados com o Governo soviético assinaram a paz em separado com o Japão, sem ao menos consultar ou avisar o governo da URSS.

para impedir uma transformação radical no país, a reconquista das liberdades democráticas suprimidas há mais de 30 anos e a afirmação da completa independência nacional, limitada pelas empresas estrangeiras que dominam a economia do país. Nos últimos dias, ante imponente crescimento das lutas populares na Capital e em outros pontos da República Dominicana, enquanto forças militares repressivas eram postas em prática por Balaguer, numerosas unidades da Esquadra norte-americana ameaçavam diretamente Ciudad Trujillo. Ao mesmo tempo em que era implantado o estado-de-sítio, 14 navios de guerra dos Estados Unidos inclusive o porta-aviões Franklin Roosevelt invadiram as águas territoriais dominicanas, numa das mais cínicas intervenções lançadas nos últimos tempos na América Latina. As principais agências americanas informam: 14 unidades da Marinha dos EUA estão desde domingo ancoradas ao largo de Ciudad Trujillo e aviões a jato do porta-aviões Franklin Roosevelt voaram sobre a capital dominicana.

Esta situação de extrema gravidade, quando se sabe que aumentaram nos últimos meses as ameaças a Cuba, alertando e abertamente uma nova tentativa de invasão pelo mercenarismo lançado. A intervenção na República Dominicana seria o prelúdio de nova aventura dos inimigos da Revolução Cubana. Por isso mesmo devemos estar atentos. A intervenção dos Estados Unidos numa República do Continente constitui um ataque a todos os países da América Latina, neste momento em que as forças do imperialismo são batidas em todos os seus redutos e podem chegar aos mares oceânicos atos de desespero.

O CASO DE BERLIM
Esclarecendo que «Berlim e apenas uma parte do problema geral», passa a afirmar o sr. Lício Hauer:
«O que propõe a URSS a respeito de Berlim é que a cidade seja desmilitarizada e neutralizada, isto é, que viva juridicamente de acordo com leis pro-

mas, não pertencendo nem à República Democrática Alemã nem à República Federal, que o seu Governo seja escolhido livremente pelos seus habitantes, sem nenhuma interferência de qualquer das grandes potências. É mais, a URSS também está de acordo, para o caso de os ocidentais recusarem essas propostas, com a permanência em Berlim de contingentes militares restritos da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, desde que essas potências admitam a soberania da República Democrática Alemã sobre o território oriental do país e com essa República negociem a questão das vias de comunicação para a antiga Capital. E conclui a respeito: «Como se vê, a pretensão de defesa da liberdade de autodeterminação do que quer que seja dos berlineses da parte ocidental, não passa de pretexto dos ocidentais para se negar a discutir e resolver definitivamente a questão da assinatura do tratado de paz com a Alemanha».

Este sentimento e esta apreensão dos dominicanos é compartilhado por todos os povos latino-americanos. O próprio Hauer, em seu discurso no plenário do Brasil junto a OEA dizendo de apreensão com o governo do Brasil em relação aos fatos ocorridos na República Dominicana e exige o abandono imediato dos princípios da autodeterminação dos povos e da não-intervenção nos negócios internos das nações cabendo a OEA a responsabilidade pela observância destes princípios.

«A situação é tanto mais grave quando se sabe que aumentaram nos últimos meses as ameaças a Cuba, alertando e abertamente uma nova tentativa de invasão pelo mercenarismo lançado. A intervenção na República Dominicana seria o prelúdio de nova aventura dos inimigos da Revolução Cubana. Por isso mesmo devemos estar atentos. A intervenção dos Estados Unidos numa República do Continente constitui um ataque a todos os países da América Latina, neste momento em que as forças do imperialismo são batidas em todos os seus redutos e podem chegar aos mares oceânicos atos de desespero.

A CRISE E A QUEDA DO GOVERNO

Partindo dessa contradição existente na política do governo equatoriano, o dirigente comunista Saad assinala que a mesma só poderia culminar com a crise do Poder, o que se verificou realmente durante os acontecimentos de 8, 9 e 10 de novembro último.

«Essa contradição não podia durar muito tempo, afirmou. A situação era insustentável e as oligarquias lançadas ao imperialismo já haviam a cada dia novas posições no governo.

Este estado de coisas provocou o desencantamento popular e o consequente surgimento de lutas de massas energicas contra a miséria e pela elevação do nível de vida da população. A manifestação mais elevada desta luta foi a greve nacional que se verificou no dia 4 de outubro convocada pela Confederação dos Trabalhadores do Equador.

«Diante do recrudescimento da luta popular Ibarra ordenou a repressão sangrenta contra o povo e mandou metralhar os estudantes que realizavam manifestações. Foi neste momento que os golpistas se aproveitaram para derrubá-lo do poder e instalar a ditadura militar, mascarada pela outorga do governo a um elemento civil, o presidente da Corte Suprema.

«O povo, entretanto, apoiado pelo setor democrático da sociedade, reagiu rapidamente, esmagando os golpistas e derrotou a manobra reacionária. Carlos Júlio Arosemena, vice-presidente da República, foi empossado na presidência como mandava a Constituição».

O NOVO GOVERNO E OS COMUNISTAS

A personalidade de Arosemena, o Ministério constituído, e a posição dos comunistas diante da nova situação no Equador foram objeto também de perguntas ao líder dos comunistas naquele país.

«Arosemena — assinalou inicialmente Saad —, quando vice-presidente da República e Presidente do Congresso Nacional, combatu a política econômica antipovo do governo Velasco e, ao assumir o Poder, declarou que vai enfrentar os problemas da reforma agrária e da reforma tributária, e que vai fazer todo possível e necessário para melhorar a vida do povo.

«Além do mais, declarou que em sua opinião o Equa-

A REPERCUSSÃO CONTINENTAL

«A ação do povo equatoriano ao derrotar os golpistas, constitui um novo golpe contra o imperialismo — declarou finalmente Saad, referindo-se às repercussões continentais dos acontecimentos que se verificaram naquele país.

«Os imperialistas receberam dois golpes últimos: o esmagamento do golpe no Brasil e o fracasso no Equador.

«Estes fatos demonstram que na atual situação da América Latina os povos estão capacitados a derrotar os imperialistas e que sua política golpista, pelo fracasso.

«O acontecimento do Brasil e do Equador servirão, não apenas a dar maior embasamento aos povos latino-americanos e para fazer os acordos mais em suas forças.

«Não se deve esquecer — concluiu — que a derrota dos imperialistas no Equador se prepara no momento em que se prepara uma nova agressão contra Cuba. O imperialismo tentou romper a solidariedade dos governos do Brasil e do Equador para com Cuba tentando esses golpes, mas fracassou inteiramente. Está claro que novas variações tentativas e provocação a Cuba, eis porque, hoje mais do que nunca temos que redobrar nossa solidariedade ao grande povo duplo pelo heróico Fidel Castro».

ANUM BRANCO

... afirmamos e realizamos, sem mais subentendidos nem solismos teóricos, que Anum Branco e efetivamente um livro de contos. Sem hesitação acrescentarei que é um livro de bons contos, contos com autenticidade, sem mistificações psicologistas, sem linguagens ou fluídas tapeações supostamente poéticas. Contos reais, contos captados da experiência vivida, o que quer dizer que nêles o autor nos conta sempre alguma coisa acontecida ou, se não aconteceu tim-tim-por-tim-tim, aconteceu em seu núcleo central. Nem o contista é fotógrafo, cronista ou reporter, mas um criador de episódios, cenas, casos, dramas e comédias da realidade". (Astrojildo Pereira).

Pedidos a Editorial Vitoria Ltda.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro — Guanabara

LISTA PARA REGISTRO DO PCB. NOVOS RUMOS

Grande está sendo a procura de listas para coleta de assinaturas para o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, campanha que desperta grande entusiasmo popular, pois, em pouco tempo, já foram colhidas mais de 35 000 das cinquenta mil exigidas pelo Supremo Tribunal Eleitoral. As pessoas interessadas, comunicamos que poderão encontrar as listas, tanto para assinar como para levar e obter novas firmas, na redação de NOVOS RUMOS.



Comício pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro

Com a participação de milhares de pessoas, realizou-se na última terça-feira, dia 14, o lançamento no Estado da Guanabara, da campanha pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, num vibrante comício no Largo do Machado. Estiveram presentes

ao ato vários dirigentes sindicais, parlamentares, líderes estudantis e representantes de partidos políticos. Em nome dos comunistas cariocas, usou da palavra Orestes Timbaúva, que expôs aos presentes as razões do movimento, mostrando a necessidade da partici-

pação legal do Partido Comunista na vida nacional e da livre eleição de seus membros para as Câmaras de todo o país, o Senado Federal e os demais cargos. Raimundo Eirado, dirigente estudantil e ex-presidente da UNE, falou em nome da Juventude Traba-

lista, seguindo-se com a palavra o líder sindical Roberto Morena, os deputados estaduais Hércules Correia e Roland Corbisier, e o advogado Sinal Palmêira. Nas fotos, aspectos da grande assistência que compareceu ao Largo do Machado, apesar da chuva

Congresso Nacional de Camponeses Decidiu:

“Reforma Agrária na Lei ou na Marra”

Reportagem de Rui Facó

enviado especial de NR

Quem quer que neste momento tenha ignorado ou pretendido ignorar o Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, que se prolongou por três dias, de 15 a 17 de novembro, na capital de Minas, perdeu o contato com um dos momentos decisivos de nossa história contemporânea.

O Congresso Camponês de Belo Horizonte foi ponto de encontro, pela primeira vez em escala nacional, e é ponto de partida de uma situação nova que se está criando no campo. Engana-se redondamente quem julgar que os 1.600 delegados de todos os Estados presentes ao Congresso representam uma única corrente ideológica e de opinião. A sua força reside precisamente nisto: e o ponto mais alto da unidade das mais diversas correntes ideológicas e políticas que não se conformam com a manutenção da atual estrutura agrária do Brasil. Correntes, algumas, talvez, mal-definidas, que não conheciam bem o caminho a trilhar neste problema universalmente discutido hoje em nosso país, que é a reforma agrária, e que ficaram conhecendo-o agora.

O Congresso camponês de Belo Horizonte pode ser definido como uma poderosa demonstração de força, demonstração de unidade e despertar da consciência das massas rurais de nosso país.

Não foi a presença de prestigiosos líderes das massas camponesas como Francisco Julião, Nestor Vera, Lindolfo Silva, Jofre Correia Neto, José Porfírio, que mobilizam centenas de milhares de homens no Nordeste, no Sul, no Centro Oeste, que caracterizou o Congresso. A sua característica marcante foi a unidade de pontos de vista quanto a definição do que querem e de como conseguí-lo.

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO

Os habitantes de Belo Horizonte eram unânimes: nunca naquela cidade haviam assistido em recinto fechado a uma tão grandiosa assembleia como foram as de inauguração e encerramento do Primeiro Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

O governo de Minas havia cedido para a realização do Congresso todo o edifício da Secretaria de Saúde, com seu enorme salão para 4 mil espectadores. Na noite de inauguração dos trabalhos do Congresso o salão estava repleto, a multidão transbordava pelas alas laterais, pelo saguão, descia as escadarias, espalhava-se na rua, onde os alto-falantes transmitiam os discursos dos oradores.

Estes se sucediam na tribuna, externavam suas opiniões, tratavam das linhas gerais da reforma agrária, historiavam o surgimento das ligas camponesas ou associações de lavradores, as lutas em que elas se têm envolvido, narravam os primeiros recontos com as forças do latifúndio, como na zona de Formoso, em Goiás, no norte do Paraná, no interior de São Paulo. Os aplausos estrugiam, vivas calorosos saudavam os nomes mais conhecidos dos dirigentes de camponeses e trabalhadores agrícolas. Gritavam: “Reforma Agrária já!” “Terra ou morte!”

Unanimidade? Não. Na ala direita do salão (et pour cause...) um pequeno grupo dissidia, procurava interromper os oradores, promover vaia e, a certa altura, repellido pela enorme assembleia, lançou algumas ampolas de gás sulfúrico.

Quem seriam os dissidentes, um grupelho tão insignificante, uma gota d'água naquele mar agitado do entusiasmo popular? Deram-lhe identificações diversas, depois: trotskistas, integralistas, policiais... Não sei. Uma coisa é certo: estavam contra a reforma agrária, defendiam os interesses do latifúndio semifeudal agonizante.

Mas não resistiram ao embate que se ia travar. Já na sessão inaugural do Congresso ficava decidida a sua sorte: ninguém acompanhou os inconformados — policiais, integralistas ou trotskistas. Foram eles localizados, isolados e repellidos. No dia do encerramento dos trabalhos, em carros alugados, desfilariam em frente à sede do Congresso com a sua ficha de identificação: distribuíam um antigo e enalçado suplemento de “O Globo”, financiado pela embaixada americana, sobre “o bolchevismo”. Onde deixavam cair o papelucho, era ele abandonado ou rasgado com desprezo.

E foi este o canto do cisne dos pimpolhos do latifúndio...

ASSEMBLEIA PERMANENTE

Como nos dias de importantes lutas políticas, reunem-se os parlamentos em assembleias permanentes, assim aconteceu com o Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte: foi, durante três dias, a assembleia permanente da massa rural do Brasil.

Estes homens pareciam não dormir nem comer: com seus rostos esqueléticos, angulosos, o passo lento, o sapato parecendo apertar no pé como um suplício terrível — mas ali firmes.

As nove horas, cada manhã, começavam as assembleias gerais e reuniam-se as numerosas Comissões em que estavam representadas as delegações, por Estado: Comissão de Reforma Agrária, Comissão de Arrendamento e Parceria, Comissão de Direito, Comissão de Assalariados e Semi-Assalariados Rurais, Comissão de Organização das Massas Trabalhadoras do Campo, Comissão de Reivindicações Democráticas e Sociais.

As Comissões se empenhavam no estudo e discussão de teses, moções, projetos, materiais que vão constituir contribuição valiosa ao debate do problema agrário e seu melhor conhecimento pelo próprio governo.

Mas o aspecto realmente importante do Congresso camponês era a sua assembleia geral. Com que desempenho aquele homem de aparência rude subia à tribuna e na sua fala estropeada se revelava um grande orador! Não tinha papas na língua: ia direto ao assunto; a vida miserável da comunidade onde vive, herdeiro de uma única coisa: a miséria de seus antepassados... E com que despreensão sabe dizer, com beleza, o que sente, pela experiência que, mesmo jovem, já lhe ofereceu a vida.

Vejo subir à tribuna um moço, pouco mais de vinte anos, vindo do interior do Piauí. Chegou numa viagem penosa, de muitos dias, a pé, a cavalo, num camião. Os companheiros coletaram dinheiro para financiar a sua vinda. Alguns não podiam dar mais de

um cruzeiro — “sim senhor, um mil reis”. Mas, valeu a pena. Ele está ali, e agora é que vê como a força dos homens do campo é grande. E ele que não sabia! Vai-se inflamando, diz estar lutando há algum tempo pela posse da terra, pois a terra boa está nas mãos de meia dúzia, e muita terra inculta, sem nada produzir, enquanto os que tem terra vão para as cidades, a procura de trabalho que é difícil encontrar. Porque o trabalho escasseia e porque ele não sabe fazer mais nada do que pegar numa enxada — muitas vezes um simples caco de enxada... Os que ficam, passam fome, alimentam-se dos frutos do mato, têm uma farinhainha nas épocas da desmancha, mas de meia com o dono da terra... “Que me resta — diz — senão lutar de qualquer forma para ter um pedaço de terra? Sim, senhor, estou disposto a pegar em arma, como em outros lugares estão fazendo.” “Porque a escravidão foi abolida — acrescenta num arroubo — mas continua a escravidão de “nossa mãe — a terra...”

As palmas estrugem. Alguns se levantam e batem palmas de pé, como se quisessem marchar agora para a luta para libertar “nossa mãe — a terra...”

Parece já haver passado a época em que deviam acostumar-se com a ideia, não muito agradável, de terem que lutar para melhorar suas condições de existência. Essa ideia foi lentamente se estratificando, até começar a fazer parte de sua consciência atual.

E esta a decisão também deste outro que vai à tribuna com seu chapéuzinho e tem igualmente uma mensagem a transmitir. É o mesmo relato que poderia parecer monótono dos sofrimentos comuns aos camponeses sem terra, sem instrumentos de trabalho, sem gado e que mora numa palhoça, este homem que nunca viu um rádio ou televisão, cuja mulher não conhece uma máquina de costura, e seus filhos não têm roupa ou sapato para frequentar uma escola. Também no lugar não há escola... Ele, como o que o antecedeu, com sua voz tranquila mas firme, está decidido a lutar, “de qualquer forma”, pela terra. “Que ela nos seja dada, por bem ou por mal...”

Na sessão de encerramento, os cartazes que se espalhavam pelo salão do Congresso traduziriam este sentimento que se generaliza: “Reforma agrária: na lei ou na marra”.

Um deputado federal pediria este cartaz para mos-



Aspecto do plenário do Congresso, vendo-se parte da enorme assistência quase permanentemente reunida, dia e noite, discutindo os candentes problemas do campo.

trar na Câmara. Será que a Câmara — parte desse parlamento que assistiu até agora mais de 200 projetos de reforma agrária — tem olhos para ver e mente para compreender os dizeres simples mas expressivos daquele cartaz?

POR UMA REFORMA AGRÁRIA RADICAL

Traduzindo o sentir e o pensar da massa camponesa representada no Congresso — massa radicalizada que já luta ou se dispõe a lutar por todos os meios para conquistar a terra — o Congresso aprovou uma Declaração sobre o caráter da reforma agrária em que diz, taxativamente, por a p r o v a ç ã o unânime:

“A bandeira da reforma agrária radical é a única bandeira capaz de unir e organizar as forças nacionais que desejam o bem-estar e a felicidade das massas trabalhadoras rurais e o progresso do Brasil”.

Como será feita a reforma agrária radical, que significa a destruição do latifúndio, do monopólio da terra; pacificamente, pelas armas?

A resposta a esta pergunta não depende só dos trabalhadores do campo, dos que querem terra, mas sobretudo das classes dominantes e, em particular, dos latifundiários.

A reforma agrária radical, naturalmente, não exclui as lutas pelas reformas par-

ciais: como as lutas pela emancipação social do proletariado industrial não significam o abandono das lutas por aumento de salários pelo aperfeiçoamento da legislação trabalhista e outras medidas que sob o capitalismo, são meros paliativos e não a solução final que interessa ao proletariado como classe. Foi através das lutas pelas reformas parciais, pelas reivindicações imediatas que se chegou a situação atual em que as massas camponesas marcham para fazer valer sua vontade.

PADRES NO CONGRESSO

É sintomático o fato de no Congresso estarem presentes, formando em dele-

gação estaduais, vários representantes do clero. Destacaram-se particularmente Frei Eugênio Giovenardi, capuchinho do Rio Grande do Sul, jovem e entusiasta combatente pela reforma agrária, e o padre católico do Ceará Arquimedes Bruno, além do padre Laje, que na sessão de encerramento pronunciou um dos melhores discursos do Congresso — um discurso de conteúdo revolucionário.

A presença destes sacerdotes destaca ainda mais a atuação da Igreja Católica na luta pela autentica reforma agrária, pela reforma agrária como a definição do Congresso, isto é, que represente o fim do regime latifundiário.

Aquêles sacerdotes, e vários outros em todo o país, conhecem de perto os problemas das massas camponesas dos trabalhadores explorados e oprimidos, e reconhecem como obrigação humana lutar ao lado delas pela felicidade na terra.

E é este fato mais um sintoma de como a ordem de coisas dominante abre fendas por todos os lados, desmorona-se irremediavelmente.

O padre Laje, por exemplo, expressou corretamente o sentido da nova época que se inicia para o nosso país nesta exortação que o Congresso aplaudiu de pé: “Esta não é mais a hora dos exploradores e sim dos explorados”.

A SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento dos trabalhos do Congresso foi também o seu ponto culminante. Vagou uma avalanche humana, como no primeiro dia, transbordou do salão das assembleias gerais e foi necessário que o presidente, deputado Ernani Maia

cujo dinamismo foi objeto de reconhecimento especial, mandasse suspender o acesso à sala de sessões. Faltavam ainda umas duas horas para a chegada das autoridades governamentais. As 22 horas e 40 davam entrada no salão o presidente da República, sr. João Goulart, o primeiro ministro Tancredo Neves, o ministro das Relações Exteriores San Thiago Dantas, o ministro de Minas e Energia, Gabriel Passos, vários deputados, entre os quais os sr. Rui Ramos, Bento Gonçalves, Almino Afonso, Ivete Vargas, Tenório Cavalcanti, o governador Mazalites Pinto, e todo o seu secretário, o vice-governador Clóvis Salgado.

O discurso pronunciado na sessão final do Congresso pelo presidente Goulart causou boa impressão, sobretudo na parte referente à necessidade imperiosa para alcançar-se a reforma agrária. O comentarista mais comum que se ouvia entre os congressistas era este: “Que não seja mais uma das inúmeras promessas do governo para enganar os camponeses”.

O grande discurso da noite foi proferido pelo deputado Julião. Discurso de sentido unitário e de afirmação da importância decisiva da luta pela reforma agrária, da qual o Congresso foi o estágio mais alto até agora — “talvez a última advertência”, acrescentou Julião sob os aplausos entusiastas da assembleia.

Foi aplaudida de pé a Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas sobre o Caráter da Reforma Agrária, a cuja leitura procedeu o presidente da ULTAB, Lindolfo Silva. (Este documento vai publicado à parte). Nêle estão contidas as linhas mestras da luta pela reforma agrária radical reclamada pelas massas camponesas.

Eram 2 horas da madrugada quando terminou a sessão final do Congresso. Grupos espalhavam-se pelos corredores, pelo salão de conferências, pelo saguão. Fisionomias cansadas. Algumas representações camponesas já se apressavam a partir: aquela hora mesmo. Num dos grupos um camponês não sei de onde, talvez de Minas, pronto para partir. Ao ombro colocara discretamente o par de botinas que calçara até então. Não podia mais obrigá-los a suportar o mesmo suplício: talvez pela primeira vez usasse sapatos. Ia voltar, reintegrar-se com a terra, juntar-se a seus vizinhos e companheiros, contar-lhes o espetáculo que fora o Congresso. Ia levar-lhes a atmosfera do Congresso — sua atmosfera revolucionária. Vai semear ideias da reforma agrária como a compreendem os explorados e oprimidos do campo.

Ainda que nada existisse, no campo, de consciência dos direitos de classe do camponês, estes homens seriam o fermento da revolução camponesa que começa a atear-se no Brasil — para a liquidação completa do latifúndio semifeudal, do monopólio da terra. Porque o Congresso foi também um forte golpe nas chantagens de “reforma agrária” como a concebiu Carvalho Pinto ou Cid Sampaio.

Já no fim dos trabalhos do Congresso, quando a mesa da presidência estava literalmente cheia de personalidades governamentais, representantes dos círculos dirigentes, homens de batina, ouvimos de um congressista, com ar de intelectual, talvez algum filósofo da História em disposição interessante:

— E a convocação dos Estados Gerais. Nobreza e clero vieram ao encontro do povo...

Observação que corresponde à realidade, desde que se acrescente: cronológica, social e ideologicamente — apesar de o Brasil ser ainda um país semicolonial e semifeudal — os componentes deste terceiro estado se encontram mais perto de 1917 do que de 1789.

MENSAGEM DE PRESTES AO CONGRESSO

No Congresso dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte foi lida pelo nosso companheiro Rui Facó a seguinte mensagem enviada por Luiz Carlos Prestes e recebida sob calorosos aplausos da assembleia, na sessão de encerramento:

“Em meu nome e em nome dos comunistas brasileiros saúdo o memorável I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Faço votos pelo completo êxito de vossos trabalhos. Apoiamos e participamos ativamente, junto com as massas camponesas, da luta pela reforma agrária e por condições de vida e trabalho dignas e humanas para os camponeses e para todos os trabalhadores do Brasil. 17-XI-1964”

LUIZ CARLOS PRESTES”



Frei Eugênio, da delegação do Rio Grande do Sul ao I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, teve atuação destacada no certame. Vêmo-lo aqui numa das Comissões do Congresso, presidindo-a.

NOVOS RUMOS